

O Que é “Maximalismo Interpretativo”?

James B. Jordan

De tempo em tempo pessoas me questionam sobre “maximalismo interpretativo”. Elas querem saber o que é, e algumas vezes querem saber se o mesmo representa algum afastamento da abordagem Reformada histórico-gramatical, bíblico-teológica para com a Bíblia.

Tenho certo problema com essas perguntas, visto que “maximalismo interpretativo” não é uma nova abordagem a algo, e na verdade não é um termo que eu tenha utilizado em meus livros, embora tenha usado algo muito similar. Contudo, a pergunta é legítima, visto que volta e meia alguns fazem menções em resenhas ao “maximalismo interpretativo”, como se fosse algo peculiar a alguns escritores e não outros.

Agora, de onde vem toda essa conversa sobre “maximalismo interpretativo”? Em primeiro lugar, vem diretamente da introdução que David Chilton faz ao seu excelente comentário sobre o Apocalipse, *The Days of Vengeance* (Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1987), pp. 36ss. Chilton estabelece o ponto que tudo na Bíblia, cada detalhe, é importante. Ele também mostra que tudo no Antigo Testamento aponta para Cristo. Em sua discussão, ele me agradece por deixar esses dois pontos claros na introdução ao meu livro *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), e diz que eu chamo isso de “maximalismo interpretativo”.

Consideremos os pontos de Chilton. Existem comentaristas que sustentam haver detalhes na Bíblia que não são importantes? Eles estão dizendo que quando lemos, estudamos, meditamos e expomos uma passagem da Escritura, devemos desconsiderar ou ignorar os detalhes e ir apenas para o cerne da questão? Sim, existem comentaristas que advogam isso. Tem havido uma tendência por parte de alguns exegetas Reformados e evangélicos de dizer que deveríamos considerar detalhes em algumas passagens como informação meramente para colorir. Impressionantemente, mesmo o grande B. B. Warfield diz algo semelhante em seu ensaio sobre a cronologia bíblica, argumentando que o registro cronológico de Gênesis 5 e 11 não é importante. (Veja meus comentários sobre isso em meu artigo, *The Biblical Chronology Question: An Analysis*).

Essa é uma armadilha na qual é fácil cair, particularmente se os detalhes não parecem exigir uma análise. Por exemplo, 2 Samuel 11:4 diz que quando Davi dormiu com Bate-Seba, então, “quando ela se purificou da sua imundícia, ela voltou para sua casa” (versão do autor). Muitos exegetas

simplesmente diriam que isso se refere ao costume israelita na lei de Levítico 15, e então prosseguiriam para o próximo versículo. Todavia, sugiro que deveríamos considerar porque o Espírito Santo nos dá essa informação. Davi tinha falhado em se purificar? Minha sugestão é que Davi não se purificou, sabendo o que o rito significava. Na verdade, visto que a Arca estava no campo e a guerra santa estava sendo conduzida, era esperado que Davi evitasse toda mulher (1Sm. 21:4; 2Sm. 11:11), de forma que sua impureza não era uma impureza inocente, mas um desafio deliberado à lei cerimonial de Deus (além do adultério!). Além do mais, uma análise do Salmo 51 mostrará que Davi menciona todo tipo de impureza discutida em Levítico 11-15. Assim, impureza é na verdade um tema importante na história. Contudo, veremos isso apenas se tomarmos os detalhes seriamente.

O segundo aspecto do “maximalismo interpretativo” que Chilton menciona é que tudo no Antigo Testamento aponta para Cristo. Existem alguns expositores que negam isso? Certamente sim. Muitas Bíblias *King James* antigas têm uma estrela próxima àqueles versículos isolados que profetizam Cristo. A suposição é que o restante dos versículos não profetiza Cristo.

É contra essa abordagem que estou argumentando em meus comentários na introdução a Juizes. Existem aqueles no mundo evangélico e Reformado que crêem que somente certos versículos e passagens do Antigo Testamento profetizam Cristo, e que sabemos quais são esses versículos porque os mesmos são citados ou mencionados no Novo Testamento. Em outras palavras, as únicas profecias e tipos são aqueles que o Novo Testamento especificamente menciona.

A outra posição, igualmente Reformada e evangélica, é que tudo no Antigo Testamento aponta para Cristo. Essa posição sustenta que os tipos e profecias específicos mencionados no Novo Testamento fornecem a nós exemplos e padrões a serem seguidos, mas que também podemos encontrar outros no Antigo Testamento. Além do mais, essa posição mantém que alguns aspectos do Antigo Testamento são tipos e profecias mais diretos e específicos, enquanto outros aspectos são tipos e profecias mais vagos e gerais. Era nisso que a maioria dos meus professores no seminário criam.

Agora, o que escrevi em *Judges* (p. xii) é isso: “Temos que explicar isso [i.e., a questão sobre tipos e profecias] para nos distanciar do ‘minimalismo interpretativo’ que passou a caracterizar comentários evangélicos sobre a Escritura em anos recentes. Não precisamos de algum versículo específico do Novo Testamento para ‘provar’ que determinada história do Antigo Testamento tem dimensões simbólicas. Antes, tais dimensões simbólicas são pressupostas no próprio fato que o homem é a imagem de Deus. Assim, não deveríamos ter medo de arriscar um palpite sobre os significados proféticos mais amplos das narrativas da Escritura, à medida que consideramos como

elas retratam os caminhos de Deus. Tal abordagem ‘maximalista’ está mais de acordo com o tipo de interpretação usada pelos Pais da Igreja.”

Ora, isso é tudo o que escrevi e tudo o que quis dizer. Interpretando o Antigo Testamento “maximalisticamente”, como usei o termo, significa simplesmente tentar lidar com a dimensão tipológica, estando aberto para encontrar Cristo na passagem. Existem exegetas Reformados e evangélicos que discordam disso. Ao mesmo tempo, existe uma multidão que compartilha da minha visão também.

Na verdade, penso que aqueles que tomam esse tipo de tipologia seriamente são as únicas pessoas que fazem justiça à dimensão bíblico-teológica da interpretação, e minha crítica ao tipo de “teonomia” de Bahnsen e Rushdoony é precisamente o fato de eu achar que eles não fazem justiça a essa dimensão. Em comum com a maioria dos meus professores, creio que os “métodos” gramático-históricos de interpretação precisam ser complementados com considerações bíblico-teológicas, e isso é o que procurei fazer em minha obra. (Sobre “teonomia” veja James B. Jordan, *“Reconsidering the Mosaic Law: Some Reflections — 1988”*.)

Sem dúvida, se alguém quiser desafiar algumas das minhas sugestões interpretativas específicas, não tenho nenhum problema com isso. As introduções a todos os meus livros declaram claramente que não estou tentando dizer a última palavra, mas apenas uma palavra útil. Receberei com alegria interações que estejam baseadas no texto da Escritura.

Deixe-me concluir dizendo que não uso o termo “maximalismo interpretativo”, e não me chamo um “maximalista interpretativo”. Usei as palavras “minimalismo” e “maximalista” na tentativa de dar a leigos uma compreensão da variedade comum da teologia bíblica. (O termo pareceu mais fácil que frases como “tipologia homológica.”)

Um Pouco de Bibliografia

Posso recomendar meu próprio estudo de tipologia, *Through New Eyes: Developing a Biblical View of the World* (Brentwood, TN: Wolgemuth & Hyatt, 1989), para mais informação sobre minhas visões. Estudos bíblicos que achei úteis (não a última palavra!) para abrir a cosmovisão simbólica bíblica incluem *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker, 1980), de Meredith G. Kline; *A Rebirth of Images* (Gloucester, MA: Peter Smith, 1949), de Austin Farrer; e dois comentários de Gordon Wenham, *Leviticus* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979) e *Numbers* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity, 1981). O livro de Apocalipse é o clímax simbólico da Escritura, e nada se compara ao comentário de David Chilton, *The Days of Vengeance* (Fort Worth: Dominion Press, 1987). Muito útil

também é o comentário de G. Lloyd Carr sobre Cantares de Salomão: *The Song of Solomon* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1984).

Um estudo valioso da abordagem redentiva-histórica como foi desenvolvida nas Igrejas Reformadas da Holanda é *Sola Scriptura: Problems and Principles of Preaching Historical Texts*, de Sidney Greidanus (Toronto: Wedge Pub. Co.; 1970). Greidanus coloca seus princípios em prática em seu livro *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988). Infelizmente, esse livro não tem seções sobre pregar a lei e pregar profecia simbólica, e a falha de Greidanus em lidar com esses dois temas, e integrá-los no restante da sua metodologia, é uma fraqueza em seu livro.

Uma abordagem redentivo-histórica popular da Bíblia é a série de quatro volumes de S. G. de Graaf, *Promise and Deliverance* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed Pub. Co.). Muito mais profundo, e disponível somente em mimeógrafo (e dignos de se ter!) são as séries de livros da História do Antigo Testamento por Homer Hoeksema.¹ Cada um desses volumes fornece excelentes *insights* redentivo-históricos ao texto. Eu li todos esses livros anos antes de eu escrever *Judges*, e esse é parcialmente o motivo de eu ficar impressionado quando as pessoas consideram o que escrevi em *Judges* como novo ou diferente. Para mim, isso é coisa antiga.

Finalmente, três livros recentes relevantes para a exegese bíblica precisam ser mencionados. Eles são *Symphonic Theology: The Validity of Multiple Perspectives in Theology*, de Vern S. Poythress; *Science and Hermeneutics*, também de Poythress; e *Has the Church Misread the Bible? The History of Interpretation in the Light of Current Issues*, de Moises Silva. Esses dois homens ensinam no *Westminster Theological Seminary*. Eles apresentam o tipo de modelos hermenêuticos que considero como ideais, e recomendo altamente suas obras.

Fonte: BIBLICAL Horizons, No. 9, January, 1990.

¹ Já disponíveis em livros: <http://www.rfpa.org/> (Nota do tradutor)